



09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

GRUPO DE TRABALHO: Teorias da cultura

SEMANA DAS MONÇÕES: DISTOPIA MODERNA E TRADIÇÃO INVENTADA

Resumo: Assim como Mário de Andrade e a Semana de Arte Moderna de 1922, o historiador Sérgio Buarque de Holanda foi o mentor da criação de um Evento que durasse uma semana, a Semana das Monções na cidade de Porto Feliz-SP. Mantendo o mesmo intuito da Semana de Arte Moderna, a principal característica da proposta de Holanda era a reconstrução das identidades nacionais. Seguindo o pressuposto que ao se repetir anualmente a festa portofelicense tornou-se uma tradição equivalente há uma dentre as várias definições possíveis para o termo Cultura, analisaremos como a teorização sobre o termo tradição inventada poderá nos ajudar a entender a ambiguidade presente nos dois eventos: Semana de Arte Moderna e Semana das Monções.

Palavras-chave: Tradição inventada, Semana das monções, identidades.

Resumo expandido

Este ensaio busca discutir o processo de modernização cultural que culminou com a efetiva instauração da Semana das Monções em Porto Feliz-SP. Pelo que tudo indica o historiador Sérgio Buarque de Holanda a par das principais intenções da Semana de Arte Moderna de 1922, propôs depois de desenvolver minucioso estudo sobre as *Monções* (2014)- a partir do mesmo intuito do projeto Modernista e com grandes esperanças - a criação de uma festividade que trouxesse à tona a identidade cultural do povo portofelicense. E assim se deu.

Atualmente recentemente comemorada sua 61ª edição a Semana das Monções se mostra não apenas esvaziada de seu sentido original, mas também ultrapassada. Desde sua primeira edição- ou pelo menos desde que me lembro- a festividade tem se manifestado como instrumento para legitimação de um discurso onde a figura do monçoeiro é romantizada (Maffei *apud* FREIRE, 2010). Aquele que desbravava o interior do Brasil e ao mesmo tempo estuprava e exterminava grupos étnicos inteiros não tem se ver suas ações questionadas. E assim parte da população declara para si um ideal de herói.

A Semana de Arte Moderna, que durou apenas três dias e não uma semana, foi idealizada por um crítico cultural, do mesmo modo que a Semana das Monções. Mário de Andrade pensou, Oswald financiou Di Cavalcanti promoveu, Heitor Villa-Lobos participou e Tarsila do Amaral erroneamente foi associada como participante (GONÇALVES, *passim*). Em suma trata-se de um evento construído por muitas mãos. Foi com certeza uma Semana que não acabou- pelo menos não em 1922.

Ao contrário do que foi a Semana de Arte Moderna de 1992, a agora tradicional festa dos portofelenses se distingue pela sua repetição. Como muitos sabem a Semana de Arte Moderna não foi bem recebida por seus contemporâneos e para os críticos da época o evento não passou de uma distopia. Uma brincadeira de mau gosto, portanto, algo que não deveria se repetir.

O contexto ao qual Buarque de Holanda sugeriu a criação da Semana das Monções era outro bem diferente do início do século XX na cidade de São Paulo. A experiência desconfortável da Semana de Arte Moderna já tinha sido digerida, graças a um combate intelectual entusiasmado por parte dos seus defensores. Marcos Augusto Gonçalves relata em seu livro *1922: A Semana que nunca acabou* (2011) que mesmo antes da efetiva inauguração da Semana Mário de Andrade já travava uma árdua batalha contra os conservadores, sobretudo nos meios de comunicação contra o tal de Cândido, pseudônimo de Salisbury Galeão Coutinho (GONÇALVES, 2011, p. 19).

De maneira parecida, porém, sem embates tão calorentos quanto ao qual Andrade vivenciou, Sérgio Buarque de Holanda sugeriu a criação de uma Semana, senão similar ao menos com o mesmo intuito daquela de 1922: o de reconstruir as identidades nacionais. Por questões de formação, dos descendentes de monçoeiros que residem, onde hoje fica a cidade de Porto Feliz, a maioria dentre os poucos que saem hoje fantasiadas de “Capitães do Mato” ou

de “Sinhás” em cortejo pelas ruas não sabem quase nada sobre Sérgio Buarque de Holanda, tampouco sobre Mário de Andrade.



Ilustração 1: Reprodução fotográfica Rômulo Fialdini da pintura “A partida das monções” (1897) de Almeida Junior. (fonte: Enciclopédia Itaú Cultural)

As origens disto, que hoje é tido por boa parte da comunidade portofelicense como tradição cultural local, pouco são discutidas nas escolas e nos centros culturais da região. Em compensação, o discurso idealista sobre a figura do monçoeiro é reproduzida cênica, visual e imgeticamente no inconsciente comum do cidadão portofelicense¹. Não existe um discurso oficial sobre a ideologia por traz das representações artísticas culturais derivadas do

¹ Resultados parciais da pesquisa virtual criada por Formulário do Google, Sobre a Semana das Monções. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1FtJ4LvbeaNISIRwtw6YIiwHWbubxMY8WBmi7Tu6Z1IY/viewform?usp=send_form

projeto de legitimação da memória histórica da cidade, mas também não há nenhuma manifestação de indignação por parte dos mesmos sobre a tentativa de lembrar sobre as barbáries que a compra, venda e violações que os indígenas sofreram pelos monçoeiros acarretaram.

O agravante do silêncio, não se manifesta unicamente nisto, na falta de falar ou no “mal dizer”, o agravante está na crença. Não importa a quem se indague, rico ou pobre residente em Porto Feliz e lhes perguntarem sobre a Semana das Monções a maioria irão responder sem pestanejar: “- Faz parte da nossa cultura...” De certo modo estão corretos, afinal, um dos significados para cultura é exatamente a noção de tradição. Cultura segundo Raymond Willians

É uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas européias, mas principalmente por que passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis (WILLIANS, 2007, p. 117).

De acordo com Willians cultura teve sua primeira aplicação para se referir ao cultivo da terra, mas atualmente é amplamente usado para designar civilização, civilidade, obras e práticas culturais (cultura é música, literatura), desenvolvimento humano e material, ciência, costume e/ou tradição. Coincidentemente tradição é outra palavra que ele classifica como difícil de entender, segundo ele “o substantivo latino tinha os sentidos de (i) entrega, (ii) transmissão de conhecimento, (iii) legado de uma doutrina, (iv) rendição ou traição” (WILLIANS, 2007, p. 399) se considerarmos a partir de todo o contexto que os termos se desenvolveram, veremos que por muito tempo tradição e costume foram a essência da vida da maioria das pessoas durante toda a História.

Infelizmente, segundo Antony Giddens (2006, p. 48), o interesse dos pesquisadores por estudar estes dois termos é consideravelmente reduzido. Giddens ainda ao dar continuidade a este raciocínio cita que “há infundáveis

discussões sobre a modernização e sobre o que significa ser moderno, mas poucos realmente sobre tradição” (GIDDENS, 2006, p. 48). O que nos leva erroneamente a crer que ao discutirmos sobre a Semana das Monções fazemos os dois, discutimos modernidade e tradição. Sobre isto o pensador inglês ressalta: “a noção de tradição não existia nos tempos medievais. Não havia necessidade de tal palavra, precisamente porque a tradição e o costume estavam em toda parte”, ou seja, “a ideia de tradição, portanto, é ela própria uma criação da modernidade.” (GIDDENS, 2006, p. 50). A modernidade em si consiste em inventar tradições, e a Semana das Monções é apenas mais uma.

O termo tradição inventada, porventura, não é indefinido, pode designar as tradições realmente inventadas como outras mais difíceis de localizar cronologicamente. Em suma, toda cultura e tradição são invenções, algumas mais antigas do que as outras, mas constituídas a partir de alguma relação humana, não se pode concluir que houvesse cultura antes dos homens e mulheres a terem criado. De qualquer modo, o que nos referimos quando pensamos em tradições inventadas diz respeito à:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAW, 2008, p. 09)

Deste modo, a repetição insistente da Semana das Monções e suas funções sociais se distinguem da Semana de Arte Moderna em apenas alguns casos. Embora ambas sejam modernas, ambas visam inculcar certos valores e normas de comportamento, só uma simula a continuidade em relação ao passado. A Semana de Arte Moderna, diferentemente apenas usou do passado para recriar identidades, enquanto a das Monções atualmente apenas reproduz um ideal.

09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

Por parte do público

Para tentar constatar estas desconfianças elaboramos um questionário de perguntas e respostas sobre os principais atores envolvidos com a Semana de Arte Moderna e com a Semana das Monções. Tal questionário se encontra em uma plataforma virtual e pode ser acessado a qualquer momento pelo atalho: https://docs.google.com/forms/d/1FtJ4LvbeaNISIRwtw6YIlwHWbubxMY8WBml7Tu6Z1IY/viewform?usp=send_form. Porém, percebemos que os moradores da cidade de Porto Feliz não se sentiram atraídos pelo tema, optamos em adotar a metodologia tradicional de abordagem direta.

Desse modo, foi entregue a um grupo de 22 estudantes do EJA- Ensino de Jovens e Adultos e 2 professores da Escola Estadual Pedro Fernandes de Camargo², que responderam o seguinte questionário:

SOBRE A SEMANA DAS MONÇÕES

Quem foi que sugeriu a Semana das Monções?

1. Sérgio Buarque de Holanda
2. Mário de Andrade
3. Monteiro Lobato
4. Não sei

Fundamento ideológico

1. A programação te faz pensar?
2. Que o monçoeiro foi um herói
3. Que os índios e negros praticavam atos e resistência
4. Que o monçoeiro foi induzido pelo contexto da época
5. Outra coisa

Sobre Sérgio Buarque de Holanda

Escreva uma frase sobre Sérgio Buarque de Holanda

Criação da Semana

Sabe que decretou a Primeira Edição da Semana das Monções?

1. Não
2. Sim

Sobre Monteiro Lobato

Escreva uma frase sobre Monteiro Lobato?

² Escola pública com cerca de 600 estudantes e 80 funcionários. Situada no endereço: Rua João Marinomio de Camargo, 80 - Vila Martelli, Porto Feliz - SP, 18540-000



09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

Atrativos

O que mais chama sua atenção na Semana das Monções

1. Teatro na Gruta
2. Desfile nas ruas centrais
3. Eventos extras

Sobre Mário de Andrade

Escreva uma frase sobre Mário de Andrade?

A primeira constatação de tal questionário foi alarmante e completamente desanimadora. Dos estudantes consultados, ou ninguém sabia responder ou estava, com muito desinteressados para isso. Em suma, apenas duas pessoas conseguiram responder as perguntas dissertativas e outros seis devolveram o documento em branco. Já no documento virtual, apenas duas pessoas ousaram responder as dissertativas com as seguintes frases:

Sobre Mário de Andrade

Autor de Paulicéia desvairada, fez um levantamento da cultura brasileira e defendeu a Semana de Arte Moderna
NÃO ME RECORDO QUEM É

Sobre Sérgio Buarque de Holanda

É pai do Chico Buarque de Holanda. Foi um dos fundadores do PT.
para mim o maior escritor sobre o tema monções...

Sobre Monteiro Lobato

Autor de Sítio do Pica Pau Amarelo. Um dos escritores infantis mais conhecido no Brasil. Filho de dono de escravos.
UM BOM ESCRITOR DE CONTOS INFANTIL, MAS NÃO SÓ.

Com isso constatamos que dentre o público consultado a grande maioria pouco sabe sua própria história e isso é um fato que implica diretamente na recepção. Como disse Stuart Hall, existe três tipos de sujeitos: “a) *sujeito do Iluminismo*; b) *sujeito sociológico* e c) *sujeito pós-moderno*” (HALL, 2011, p. 10). Sendo o primeiro dotado de consciência sobre seu posicionamento no mundo, de suas funções e expectativas, o sujeito aqui é descrito unicamente como masculino. O segundo modelo se identifica com o meio e reconhece que tais definições não são perpetuas e se dão por meio da relação com pessoas

09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

importantes para ele. Já o último não mantém uma identidade fixa, é uma contradição.

Sendo assim, é preciso contextualizar a qual concepção de sujeito o público da Semana das Monções pertence. De imediato, podemos dizer que não se trata de “sujeitos do Iluminismo”, tampouco de “sujeitos sociológicos”, pois não estão nem um pouco conscientes de seu *status quo*, daquilo que um dia foi um monçoeiro e disso que lhes é mostrado. Não é sabido que a figura do monçoeiro foi resgata pelo projeto modernista, afinal, não se sabe o que foi tal projeto.

E sobre a tradição supostamente imutável, à controvérsias que devem ser consideradas antes de condenar o insatisfeito. Como diz Giddens:

A ideia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas. (GIDDENS, 2006, p. 51)

A falta de informação nesse caso é o principal implicante para a contradição do sujeito pós-moderno em Porto Feliz.

(Con)Tradição na Terra da Monções

Somo levados a crer que o mesmo fator de dificuldade em encarar a informações que circulam, é o que cristaliza a noção de que o monçoeiro sempre foi o herói local.

Em entrevista com o professor Agnaldo Valdemarin (2016), discutimos como a desconstrução do estereótipo de monçoeiro descrita por Buarque de Holanda se estabeleceu gradativamente entre as várias edições da Semana. Segundo Valdemarin nas primeiras edições que ele se recorda, os figurantes que eram escolhidos para representar a figura de monçoeiro eram sempre os membros mais robustos e fortes da comunidade local e que desde aquela época a indumentária era cheia de adornos, forros e placas protetoras. No artigo: “A presença indígena nas rotas bandeirantes e nas monções” (2015) de Marcos

09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

Lourenço Amorim há várias referências ao regime adotado pelos mesmos e de como a mobilidade entre as trilhas e caminhos exigiam flexibilidade no andar, assim, a imagem idealizada sempre foi descaracterizada e incompatível com a consideração a seguir:

Outro fato que mostra as amalgamações entre a cultura local e a ibérica no bandeirantismo e que parece revelar a prevalência da técnica e do costume nativo sobre o europeu foi o hábito de andar descalço adquirido por esses forasteiros que, em sua terra natal, tanto prestígio davam aos sapatos, chegando mesmo a identificar o seu uso com status de nobreza; na colônia e, principalmente, fora dos lugares povoados, os sapatos eram considerados supérfluos, ou antes, um estorvo. (AMORIM, 2015, p. 52-53)

Enfim, tal citação não condiz em nada com a imagem a seguir:

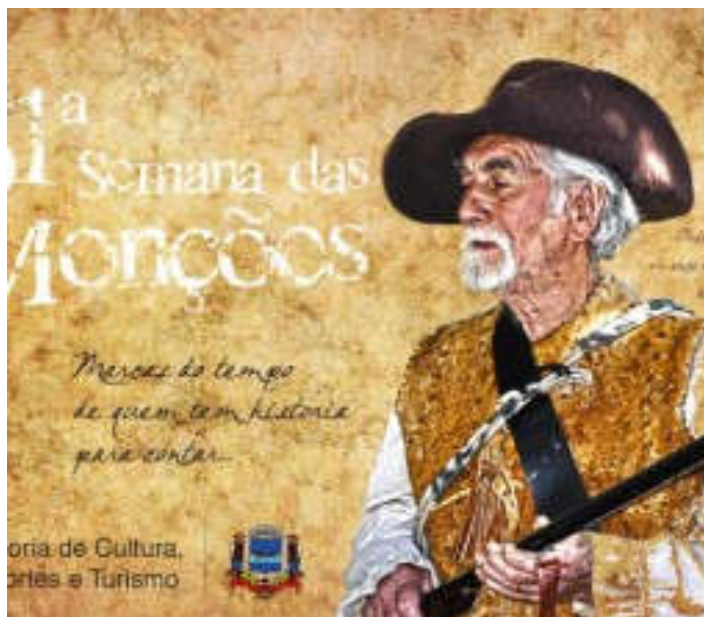


Ilustração 2: Recorte do cartaz de divulgação da 61ª Semana das Monções (2016). Fonte: Prefeitura de Porto Feliz.

Segundo consta no próprio encarte, a figura humana representada é o retrato de um dos moradores mais ilustre a participar dos desfiles. O senhor Orlando Zilli completaria nessa 61ª edição 50 anos de Semana das Monções. Os



09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

aspectos históricos e consensuais envolvendo a participação do mesmo, podem ser negligenciados, em vista que nosso objetivo não é questionar o envolvimento do público, mas o discurso. Como fica evidente, as roupas e acessórios usados pelos envolvidos, não se caracterizam com a descrição Amorim. Para o portofelicense desinteressado sobre a real face do monçoeiro ficará para sempre em sua memória a figura de um ser imponente.

Desse modo, associamos tal imperativo com a consideração que Nestor Garcia Canclini faz sobre a modernidade, ainda na Entrada de seu Livro *Culturas híbridas* (2011): “a modernização diminui o papel do culto e do popular tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime” (CANCLINI, 2011, p. 22), assim os trabalhos do erudito e do popular se misturam formulando uma nova concepção de cultura, e como sugere o título de seu livro, uma cultura híbrida.

Por conta disso, acreditamos que, o Modernismo Brasileiro que inspirou tanto a Semana de Arte Moderna e a Semana das Monções, não são as mesmas correntes. Porto Feliz precisa daquilo que Canclini define de Modernidade depois da Pós-Modernidade. Que esse documento sirva como inspiração para novas condutas dos idealizadores da Semana.

Referências Bibliográficas:

AMORIM, Marcos Lourenço. *A presença indígena nas rotas bandeirantes e nas monções*, In: MONÇÕES Revista do curso de História da UFMS- campus de Coxim – out.2014/mar. 2015. – p.46-62.

FREIRE, José Antônio Barros (dir.). *Porto Feliz- Roteiro dos Bandeirantes*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

GIDDENS, Anthony. *O mundo em descontrole*. – 5ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.



09 a 11 de Novembro, Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus - Amazonas

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: A Semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções e Capítulos de expansão paulista*. — 4ª ed. -. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOBSBAWN, Eric (org.); TERENCE, Ranger (org.). *A invenção das tradições*. - 6ª ed. -. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

Fonte das imagens:

Ilustração 1: ALMEIDA JR, José Ferraz de. *A partida das monções* (1987). Reprodução fotográfica Rômulo Fialdini. Disponível em: <http://d3swacfcujrr1q.cloudfront.net/img/uploads/2000/01/006235001019.jpg>
Acesso em 15 jul. 2016.

Ilustração 2: Recorte do cartaz de divulgação da 61ª Semana das Monções (2016). Disponível em: <http://www.portofeliz.sp.gov.br/content.php?t=noticia&id=1565&idm=1565>
Acesso em: 14 out. 2016.